
A representação da pornografia no seriado *Dietland*: padrões estéticos e a violência contra as mulheres¹

Isabela Alves Graton (UnB)²

Roberta Gregogli (UnB)³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

Resumo

O presente artigo analisa como a pornografia é utilizada no seriado americano *Dietland* enquanto fonte de reflexão para se pensar a opressão feminina e os padrões de beleza impostos às mulheres. Dessa forma, tendo como objeto de estudo o 6º episódio da primeira temporada da série, chamado *Belly of The Beast*, e utilizando as teorias feministas sobre a pornografia de autoras como Andrea Dworkin, Gail Dines e Catharine MacKinnon, analisa-se como este produto audiovisual retratou o pornô enquanto um produto misógeno e prejudicial para as mulheres. Também discute-se o como o seriado aborda outros assuntos como padrões estéticos, gordofobia⁴ e machismo.

Palavras-chave

Dietland; seriado; pornografia; misoginia; padrões estéticos

Introdução

O seriado estadunidense *Dietland* estreou em junho de 2018, no canal AMC, com uma temporada de 10 episódios. Inspirado no livro de mesmo nome da autora Sawai Walker, trata principalmente de gordofobia, machismo e a imposição de padrões estéticos, além de outros temas feministas. A personagem principal Alicia Kettle, ou Plum⁵, é uma mulher gorda que trabalha em uma revista de moda respondendo as cartas que as leitoras enviam para a editora. No início, seu principal objetivo é guardar dinheiro para fazer uma cirurgia bariátrica para ter um corpo magro e dentro dos padrões, no entanto, ela conhece uma mulher chamada Verena Baptist que tenta mostrar como os

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação e audiovisual – da XV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação. 9º semestre do Curso de Jornalismo da FAC-UnB, e-mail: isabelagraton@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação da FAC-UnB, e-mail: roberta.gregoli@gmail.com

⁴ A gordofobia caracteriza-se por um preconceito em relação ao corpo gordo, devido a um padrão de beleza imposto pela sociedade, em que o corpo ideal e perfeito é o magro.

⁵ Logo no primeiro episódio ela diz que todos a chamam pelo apelido, pois Plum quer dizer ameixa, uma fruta que assim como ela é “suculenta” e “arredondada”, ou seja, o apelido diz respeito ao seu corpo.

padrões de beleza impostos às mulheres são errados e como o problema está na sociedade, não nos corpos que não se encaixam nos padrões.

Verena é filha de uma mulher que fez fortuna vendendo dietas para emagrecimento - com um plano chamado de “Método Baptist” - e, por isso, quer reverter os atos de sua mãe fazendo com que as mulheres passem a se amar. Para isso ela escreve o livro *Dietland*, no qual explica como todo o método de sua mãe para emagrecer era uma farsa e critica a indústria da beleza. Ela também possui um grupo de apoio a mulheres violentadas e cria o "Novo Método Baptist", um projeto que incentiva as mulheres a se aceitarem e recuperarem sua autoestima. Verena convence Plum, então, a participar desse plano oferecendo 20 mil dólares como recompensa e a personagem principal concorda, pois secretamente ainda quer utilizar o dinheiro para fazer a cirurgia bariátrica.

Ao mesmo tempo, um grupo terrorista chamado Jennifer começa a assassinar homens acusados de estupro e violências sexuais contra as mulheres. Jennifer representa uma forma extrema e violenta de vingança executada por mulheres que sofrem com a opressão de gênero e decidem reagir à violência com violência. Aos poucos a história de Plum começa a apresentar conexões com esse grupo terrorista e diversas questões são trazidas à tona sobre machismo, gordofobia, violência contra as mulheres, entre outros temas de teor feminista.

Este artigo pretende analisar, então, um ponto crucial da narrativa que ocorre no sexto episódio⁶, visto que ele marca uma importante mudança de Plum. Até o início deste capítulo a personagem ainda pretendia se encaixar nos padrões estéticos impostos a ela, mas durante uma cena específica, que ocorre nos momentos finais, ela muda de ideia ao se deparar com uma instalação artística que exhibe vídeos pornográficos. A partir desse dia ela percebe que a sociedade está errada e que ela não deveria querer estar dentro dos padrões estéticos. Assim, sua atitude perante o projeto de Verena muda, assim como suas ideias sobre o grupo Jennifer, ela começa a encarar a misoginia e o machismo de frente e entender como a sociedade patriarcal se estrutura.

A pornografia é utilizada, portanto, como um catalisador para uma grande mudança de atitude da Plum que já estava sendo desenvolvida durante os outros episódios. Ao entrar em contato com esse tipo de conteúdo pornográfico ela percebe que

⁶ Intitulado "Belly of the beast" o sexto episódio da primeira temporada de *Dietland* foi exibido dia 2 de julho de 2018 e dirigido por Amy York Rublin.

não quer ser "perfeita" como as mulheres que estão sendo exibidas ali. Por isso, pretende-se analisar de que forma a pornografia foi retratada na série e porque ela é essencial para a grande mudança que ocorre na vida da personagem a partir dali.

Pornografia e violência contra as mulheres

O seriado *Dietland* retrata a pornografia como um exemplo de violência contra as mulheres, da mesma forma em que diversas teóricas feministas como Andrea Dworkin (1989), Diana Russell (1994), Catharine MacKinnon (1996), Gail Dines (2010), Raísa Ribeiro (2017), dentre tantas outras, a definem. Ele está alinhado, então, com a vertente feminista que encara a pornografia como algo inerentemente opressor e violento para as mulheres.

Os debates acerca da pornografia se intensificaram principalmente durante as décadas de 1970 e 1980 devido a questionamentos trazidos pela segunda onda do movimento feminista. Na época, ocorreu o que ficou conhecido como *Feminist sex wars* (guerra de sexo feminista) que consistia basicamente em diversos debates sobre sexualidade, prostituição e pornografia realizados dentro do movimento de mulheres.

Esses debates geraram polêmicas e opiniões divergentes, pois se de um lado várias mulheres se mostravam contrárias à indústria pornográfica, enxergando nela mais uma forma de violência de gênero, de outro havia feministas que acreditavam no potencial positivo da pornografia, que só não havia ainda sido explorado pelas mulheres. Assim, o movimento se dividiu entre as mulheres que ficaram conhecidas como anti-pornografia e aquelas que se chamavam de *sex-positives* (sexualmente positivas).

Hoje, assim como na época da segunda onda feminista, o movimento ainda se encontra extremamente dividido sobre estes assuntos. Com o advento da terceira onda, principalmente nos anos 1990, e a expansão do neoliberalismo fortaleceu-se a ideia de que a pornografia poderia ser um trabalho "empoderador" e que poderia ser feminista caso fosse produzida por mulheres e valorizasse o prazer feminino. Entretanto, também há feministas que estão resgatando conceitos e teorias do feminismo radical anti-pornografia e que continuam a denunciar os abusos perpetuados pela indústria pornográfica e a lógica sexista que ela promove.

Um dos principais nomes da luta anti-pornografia foi a escritora norte-americana Andrea Dworkin, uma teórica feminista radical que publicou diversos livros, entre eles o

famoso "Pornography: men possessing women", de 1989, no qual aborda a pornografia enquanto uma violência cometida contra as mulheres pelos homens.

Dworkin ressalta que a palavra pornografia advém dos vernáculos do grego antigo *porne* e *graphein*. *Porne* significa prostituta e *graphein* significa grafia, a palavra pornografia significaria então escritos sobre prostitutas. Por isso, ela a conceitua como "a representação gráfica das mulheres como prostitutas vis" (DWORKIN, 1989, p. 200). Aqui a palavra prostituta é utilizada dentro do seu contexto em uma sociedade patriarcal, ou seja, enquanto uma mulher que apenas serve à sexualidade do homem pois recebe dinheiro para atender às necessidades sexuais dos homens.

Nos anos 1980, Andrea trabalhou junto com a feminista Catharine MacKinnon redigindo dois projetos de lei⁷ que tutelavam os direitos civis das mulheres prejudicadas pela pornografia. Nos textos, elas definiram pornografia como: "Subordinação sexual gráfica explícita da mulher através de imagens e/ou palavras" (DWORKIN e MACKINNON, 1989).

Ela argumentava, então, que a pornografia era produto e produtora da dominação masculina sobre as mulheres. Em seus trabalhos Dworkin se dedicou a analisar os materiais pornográficos e contestar a misoginia presente neles, além de combater a indústria. Segundo ela:

A pornografia encarna a supremacia masculina. É o DNA da dominação masculina. Todas as regras do abuso sexual, todas as nuances do sadismo sexual, de todas as estradas e caminhos da exploração sexual, estão codificadas nela. É o que os homens querem que sejamos, pensam que somos, nos fazem ser; como os homens nos usam; não porque biologicamente são homens, mas porque é assim que seu poder social é organizado. (DWORKIN, 1997)

Ou seja, a pornografia seria uma indústria misógina que promove ideias e estereótipos negativos sobre a sexualidade e erotiza a violência masculina contra as mulheres. Assim também, a socióloga Gail Dines (2010) argumenta que no sexo exibido na pornografia o homem não faz amor com a mulher, mas sim ódio, pois as práticas sexuais realizadas são destinadas à subjugação feminina, não ao prazer mútuo. Por isso mesmo, ela ressalta que ser contra a pornografia e a indústria pornográfica não é ser contra

⁷ As leis ficaram conhecidas como ordenamento de Mineápolis e ordenamento de Indianápolis e foram aprovadas nos municípios, porém mais tarde foram consideradas inconstitucionais pela suprema corte dos Estados Unidos.

o sexo, pois os atos sexuais apresentados nestes vídeos são fruto de toda uma indústria multimilionária, não das expressões sexuais de cada indivíduo:

A pornografia está tão profundamente atrelada à nossa cultura que se tornou sinônimo de sexo, ao ponto em que se você critica a pornografia você é rotulada como anti-sexo. Mas e se você é uma feminista que é pró-sexo no sentido real dessa palavra, a favor da maravilhosa, divertida, deliciosa e criativa força que banha os corpos em leite e prazer e o que você é contra é o sexo pornográfico? Um tipo de sexo que é desumanizado, genérico, não baseado na fantasia individual ou na imaginação, mas sim o resultado de um produto industrial criado por aqueles que ficam excitados não com o contato corporal, mas com o mercado de penetração e lucro? (DINES, 2010).

Ela argumenta que a indústria pornográfica raptou a nossa sexualidade, pois desde pequenos os meninos e meninas aprendem através da pornografia o que o sexo deve ser. A partir disso, eles passarão a reproduzir em suas vidas sexuais aquilo que vêm nos vídeos, pois é na maioria das vezes a única referência disponível.

O que está presente nesses materiais pornográficos, no entanto, são práticas extremamente violentas e degradantes para as mulheres como dupla penetração, *gang-bangs* (quando uma mulher é penetrada simultaneamente por diversos homens), agressões físicas e verbais, dentre outros tipos de abusos. Além disso, há a reprodução de estereótipos racistas, da fetichização de relacionamentos lésbicos e de práticas como incesto e pedofilia, visto que muitas vezes as mulheres são infantilizadas. Tudo isso faz com que os ideais machistas que já estão presentes nas mentes masculinas, sejam reforçados. Como explica a autora:

Quando eles encontram pornografia pela primeira vez, a maioria dos homens internaliza a ideologia sexista de nossa cultura, e a pornografia, ao invés de ser uma aberração, na verdade consolida e consolida suas idéias sobre sexualidade. E isso faz isso de uma forma que lhes dá intenso prazer sexual. Esse enquadramento da ideologia sexista como sexy e gostosa dá à pornografia um passe para transmitir mensagens sobre mulheres que, de qualquer outra forma, seriam consideradas completamente inaceitáveis. (DINES, 2010)

Dessa forma, essas práticas são erotizadas e tidas como parte da sexualidade humana, encaradas como apenas uma fantasia. A indústria da pornografia busca, portanto, moldar os gostos sexuais das pessoas em troca de lucro obtido através de cenas que ficam cada dia mais violentas e perpetuam estereótipos negativos sobre as mulheres.

Aqui deve-se levar em conta também o tamanho da indústria, que hoje é uma das mais lucrativas do mundo e, portanto, possui muito poder e influência. Segundo um relatório⁸ de 2018 do grupo norte-americano “Conselho de Pesquisas Familiares”, os sites pornográficos recebem mais visitantes por mês do que a Netflix, a Amazon e o Twitter juntos. Apenas em 2018, o site PornHub recebeu 33,5 bilhões de acessos⁹, possuindo uma média de 92 milhões de cliques diários em mais de 298 milhões de vídeos que são assistidos dentro da plataforma todos os dias.

Além disso, na pornografia os corpos apresentados estão na maioria das vezes dentro dos padrões de beleza, ou seja, as mulheres que atuam nos filmes possuem corpos magros, seios grandes, cabelos compridos, dentre outras características que compõem uma aparência considerada sexy e atraente para os homens que assistem. Quando existem corpos fora do padrão (gordos, não-brancos, transexuais...) estes são considerados categorias específicas de pornôns que abarcam os fetiches masculinos. Assim, é possível se deparar com *tags* como *Milf*¹⁰, *Negras*, *Gordas*, *Trans*, *Latinas*, dentre outras em sites pornográficos. Essa classificação das tags já demonstra que o corpo normal e aceitável é o da mulher branca e magra que aparece na maioria dos vídeos pornográficos *mainstream*, assim os corpos diferentes destes são transformados em "outros", em meros fetiches que fazem parte de outras categorias de vídeos e que trazem também diversas questões problemáticas como racismo, gordofobia e xenofobia.

Por isso mesmo, além de perpetuar estereótipos negativos sobre a sexualidade feminina, constata-se que a pornografia, como outros produtos midiáticos, vende a imagem do corpo feminino perfeito como aquele que está dentro dos padrões estéticos impostos pela sociedade. Ela perpetua esse padrão ao mostrar qual é o corpo feminino que deve ser desejado enquanto os outros representam fetiches sexuais específicos.

Machismo, padrões de beleza e pornografia em Dietland

⁸Pornografia é mais acessada que Netflix, Amazon e Twitter juntos. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/pornografia-e-mais-acessada-que-netflix-amazon-e-twitter-juntos-diz-pesquisa.html>

⁹Dados do PornHub "Year in review" de 2018. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2018-year-in-review>

¹⁰Acrônimo de "Mom I'd like to fuck", ou "Mãe com quem eu gostaria de transar". Gíria utilizada para se referir a mães que são consideradas "sexy" e são hiperssexualizadas e tratadas como fetiche.

A imposição dos padrões de beleza sobre os corpos das mulheres é o principal tema abordado em *Dietland*, visto que a personagem principal é uma mulher gorda que inicialmente odeia o seu corpo e passa pelo processo de aceitá-lo ao longo dos episódios. Assim, diversas questões abordadas durante a narrativa nos mostram como a vida de Plum é constantemente prejudicada apenas por ela ser gorda. A sua vontade de fazer a cirurgia bariátrica, que aparece desde o primeiro episódio, e seus constantes devaneios sobre o que vai poder finalmente fazer quando for magra se enquadram no ideal gordofóbico e machista da sociedade que prega que a vida de uma mulher só será realmente completa e feliz se ela for magra.

Os padrões de beleza estabelecidos para as mulheres não advêm delas próprias, mas sim dos homens. Isso porque a sociedade é patriarcal e os homens dominam as instituições, exercendo poder sobre os corpos femininos. Dessa forma, o que significa ser bela para uma mulher é ditado pela supremacia masculina e transmitido de todas as formas desde a infância: tanto na escola, quanto na família e na mídia. A mensagem transmitida é a de que os corpos femininos devem se encaixar em um padrão específico e que aqueles que destoam dele são inferiores por não serem desejados pelo sexo masculino.

Então, as mulheres devem ser atraentes de acordo com o padrão de beleza que foi desenvolvido pela sociedade. A imagem que as mulheres devem ter é um objetivo para honrar os homens (HANDAYANI, 2018). Este padrão de beleza ditado pelos homens envolve diversas características, dentre elas que o corpo seja magro, pois um corpo gordo ou obeso, como o de Plum, é encarado como doente e inferior.

Handayani (2018), utiliza a teoria de interpelação de Culler (1999) e dos teóricos dos Estudos Culturais para explicar como esse padrão é perpetuado pelas imagens exibidas na televisão, nos filmes e nas propagandas. A mídia aqui tem um importante papel na construção da identidade das pessoas que a consomem, podendo reforçar estereótipos já presentes na sociedade. Essas imagens vendidas transmitem, assim, a ideia de que existe apenas um corpo ideal para as mulheres.

Percebe-se, então, que Plum é vítima desse sistema que a faz odiar seu próprio corpo e a impede de ser feliz e viver sua vida livremente. No início da série, a personagem parece estar obcecada pela vontade de emagrecer, pois acredita que seus relacionamentos amorosos, sua profissão, e todo o resto da sua vida será resolvido apenas quando ela conseguir o corpo ideal. Porém, Verena passa a mostrar através do "Novo Plano Baptist"

que essa busca incessante por um corpo perfeito é o que está, na verdade, prejudicando a vida de Plum.

A personagem principal era, assim como a maioria das mulheres da sociedade, refém daquilo que a feminista Naomi Wolf (1990) descreve como "Mito da beleza", ou seja, a utilização dos padrões de beleza enquanto ferramenta patriarcal de controle dos corpos femininos. Como descreve a autora:

Estamos em meio a uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza. (...). À medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social. (WOLF, 1990, p. 12-13)

A trajetória de Plum é, portanto, um processo de tomada de consciência sobre como o Mito da Beleza opera em sua vida e como a misoginia está impregnada na sociedade atuando sobre todas as mulheres.

Neste processo um ponto crucial ocorre no fim do sexto episódio, quando Plum está se hospedando na casa de Verena, assim como uma outra mulher chamada Sana. Ela, assim como a personagem principal, não se encaixa no padrão de beleza feminino visto que possui um dos lados do rosto repleto de cicatrizes causadas por queimaduras de ácido.

Durante sua estadia na casa, Plum ouvia de vez em quando alguns barulhos de mulheres gritando que pareciam vir de um dos quartos localizado no fim do corredor. Nesta cena, então, ela decide finalmente entrar no cômodo onde se depara com uma instalação artística na qual os vídeos mais assistidos do site Pornhub são projetados nas quatro paredes brancas deixando a espectadora imersa naquelas imagens pornográficas. Ali são exibidas cenas extremamente violentas, que retratam a pornografia atual, de mulheres sendo violentadas e agredidas constantemente. Estas mulheres são consideradas pela sociedade como desejáveis: jovens, brancas, magras e bem maqueadas.

No quarto ela também encontra Sana, que está sentada em um banco assistindo os vídeos e sorrindo. Plum então a pergunta como ela consegue aguentar assistir aqueles vídeos, ao que ela responde: "Me ajuda na verdade. Olhe para os corpos e as caras delas. Elas parecem com a gente?". A personagem principal olha para os vídeos e responde que não, então Sana faz outra pergunta: "Não, elas são perfeitas. Elas são as preciosas. Como isso está funcionando para elas?".

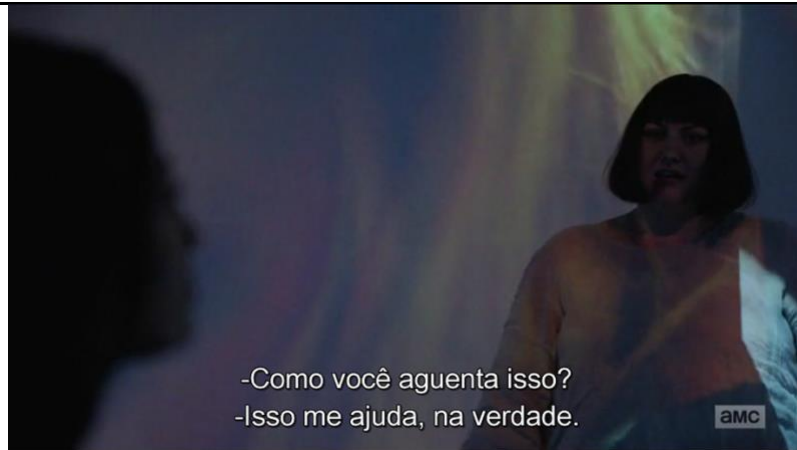


Figura 1: cena do episódio 6 de Dietland



Figura 2: cena do episódio 6 de Dietland



Figura 3: cena do episódio 6 de Dietland



Figura 4: cena do episódio 6 de Dietland



Figura 5: cena do episódio 6 de Dietland



Figura 6: cena do episódio 6 de Dietland

Ao entrar em contato com a pornografia Plum começa a questionar a vontade que tinha de mudar seu corpo para se encaixar nos padrões de beleza, afinal se as mulheres exibidas nos vídeos são perfeitas e mesmo assim têm seus corpos violentados, por que ela

deveria almejar ter aquele tipo de corpo? Neste momento ela percebe que seus problemas não vão deixar de existir, mesmo que conquiste a aprovação masculina, pois independentemente de estar dentro dos padrões de beleza ou não ela vai continuar a sofrer com o machismo da sociedade, que aqui está sendo representado pela pornografia.

A série não desmerece o fato de que mulheres magras que têm corpos considerados dentro do padrão possuem privilégios dentro da sociedade, afinal em várias outras cenas essas questões são abordadas, mas sim ressalta que não importa o quão bonita e desejável uma mulher seja, ela ainda vai sofrer com a violência masculina. Percebe-se que mesmo as mulheres que possuem corpos tidos como perfeitos, continuam a ser vítimas do sistema patriarcal na qual todas estão inseridas. Este pensamento é essencial, então, para que Plum comece a enxergar a sociedade como ela é e deixe de pensar que seus problemas com o corpo são individuais e podem ser consertados com uma cirurgia bariátrica.

Ao longo de outros episódios Verena já havia tentado mostrar para Plum de diversas formas o quanto a sociedade estava errada e como a gordofobia e o machismo eram problemas estruturais e que, portanto, eram os outros que deveriam mudar, não ela. No entanto, é necessário que a personagem principal tenha um contato inesperado com estes vídeos pornô para que ela compreenda tudo que o "Novo Plano Baptist" estava tentando ensinar e passe a encarar a sociedade de forma diferente.

Portanto, a pornografia é utilizada como um elemento chave da narrativa e do desenvolvimento da personagem devido à exposição do seu teor violento e misógino. O seriado a retrata exatamente como aquilo que as feministas anti-pornografia denunciam: um produto midiático que produz e reproduz a violência contra as mulheres. Assim, ao assistir os vídeos e ouvir os questionamentos de Sana, Plum começa a fazer conexões e pensar em muitas coisas que ela não havia ainda pensado sobre as opressões que sofre.

Isso porque a indústria pornográfica, assim como diversas outras, vende um tipo de corpo padronizado que é desejado pelas mulheres, pois é tido como o ideal. Assim, o seriado retrata bem como a essa busca pela beleza, pelo corpo perfeito, também representa uma violência contra as mulheres que gastam dinheiro e tempo durante esses processos, além de muitas vezes mutilarem seus próprios corpos. A padronização da beleza no corpo feminino é mostrada na história como uma forma de manter Plum sob controle, pois como ressalta Wolf:

A "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer, sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no

mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram. (WOLF, 1990, p. 15)

Essa busca incessante para estar dentro do padrão de beleza faz as mulheres acreditarem que quando alcançarem o tão almejado corpo irão finalmente conseguir viver de forma plena e feliz. Assim, vende-se a falácia de que o corpo magro e bonito é a chave para o sucesso e até mesmo para o poder. Empoderar-se passa a ser sinônimo de conquistar esse corpo que é desejado por todas.

Dessa mesma forma, a cultura promovida pelos vídeos pornográficos transmite a ideia de que o poder feminino está na sua sexualidade. Na pornografia o que importa é o desejo masculino e, por isso, a representação do corpo das mulheres é totalmente voltada para aquilo que os homens desejam. Como explicita Gail Dines (2010), na cultura pornográfica perpetua-se a falácia de que a mulher que tem essa aparência hiperssexualizada e padronizada possui poder, mas ficar refém destes ideais de beleza é outra forma de opressão feminina. Pois,

As mulheres de hoje em dia ainda estão mantidas em cativeiro por imagens que contam mentiras sobre mulheres. A maior mentira é que se conformar a esta imagem hiperssexualizada vai dar um poder real para as mulheres no mundo, já que na cultura da pornografia nos contam que o nosso poder reside não na nossa habilidade de moldar as instituições que determinam as chances das nossas vidas, mas sim em ter um corpo sexy que os homens querem e as mulheres invejam. (DINES, 2010, p. 102)

No momento em que Plum assiste aos vídeos pornográficos e ouve os questionamentos de Sana ela percebe, então, o quanto a ideia de que o corpo ideal traria resolução para seus problemas é falaciosa. Pois, através da violência exposta nos vídeos torna-se claro que mesmo que as atrizes tenham corpos considerados perfeitos elas continuam sem possuir poder real na sociedade. A mulher "perfeita" continua a ser uma vítima, portanto, e seu corpo é ainda explorado.

Considerações finais

Dietland é um seriado de teor feminista que retrata muitos aspectos da opressão que as mulheres sofrem e das violências masculinas. Assim, a representação da pornografia na série é alinhada com a perspectiva feminista anti-pornografia que enxerga esse produto como misógino e prejudicial para as mulheres. Por isso mesmo, o pornô é inserido na narrativa como um elemento chave que leva a personagem principal a questionar sua obsessão por ter um corpo magro e a opressão que ela sofre enquanto mulher.

Através da pornografia Plum passa a enxergar, então, como o Mito da Beleza atua sobre os corpos femininos e como a falácia da busca pelo corpo padrão é utilizada para subjugar as mulheres. As imagens violentas exibidas na instalação artística retratam o que os homens fazem com as mulheres "perfeitas" e Plum se vê diante de uma situação complexa: após passar a vida inteira atrás daquele corpo ideal ela percebe que mesmo que consiga emagrecer seu corpo ainda será hiperssexualizado e violentado.

Isso porque a pornografia é um produto midiático voltado para o homem que promove a erotização da violência contra as mulheres e a comercialização dos corpos. Na pornografia encontra-se o extremo da objetificação do corpo feminino e, conseqüentemente, da imposição dos padrões de beleza sobre este.

Após esse contato com a pornografia toda a atitude da personagem principal muda, ela se torna mais revoltada com a sociedade e muito mais combativa. Se antes seu objetivo era se encaixar nos padrões, ela passa agora a querer revolucionar os ideais impostos. Assim, além de se aceitar a personagem também começa a questionar todos à sua volta e acaba, inclusive, se envolvendo com o grupo Jennifer.

Portanto, a pornografia é o item chave da narrativa que a faz acordar para diversas outras questões como gordofobia, machismo e padrões estéticos, pois tudo isso está intrinsecamente conectado a esta indústria que sistematicamente promove a violência contra as mulheres.

Referências

DELIRIUM NERD. **Dietland: A crítica à indústria da beleza toma forma de uma mensagem verdadeiramente feminista.** Disponível em: <https://deliriumnerd.com/2018/08/29/dietland-industria-da-beleza-mensagem-verdadeiramente-feminista/> . Acesso em: 30 jun. 2019.

DINES, Gail. **Pornland: how porn has hijacked our sexuality.** 1. ed. 2010.

DINES, Gail. JENSEN, Robert. **Pornography: The Production and Consumption of Inequality**. 1. ed. 1998.

DWORKIN, Andrea. **Pornography: men possessing women**. 1. ed. 1981.

EL PAIS. ‘Dietland’, a série feminista do momento, não se submete ao patriarcado. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/25/estilo/1529947637_817308.html . Acesso em: 30 jun. 2019.

HANDAYANI, Tuti. **Beauty obsession of the main character in Sarai Walker’s Dietland**. Semarang. 2018. Disponível em: http://eprints.undip.ac.id/62989/1/BEAUTY_OBSESSION_OF_THE_MAIN_CHARACTER_IN_SARAI_WALKER'S_DIE.pdf

RIBEIRO, Raisa Duarte da Silva. **Discurso de ódio, violência de gênero e pornografia**. Rio de Janeiro. 1. ed. 2016.

SABER VIVER. **Dietland: uma série sobre gordas ou sobre o poder?**. Disponível em: <https://www.saberviver.pt/bem-estar/viagens-e-lazer/dietland-serie-gordas-e-poder/#gs.nkox2n> . Acesso em: 1 jul. 2019.

TODAS FRIDAS. **Dietland: a gordofobia como questão feminista**. Disponível em: <http://www.todasfridas.com.br/2018/09/25/dietland-a-gordofobia-como-questao-feminista/> . Acesso em: 1 jul. 2019.

VULTURE. **Dietland Recap: What If Your Dreams Are Killing People?**. Disponível em: <https://www.vulture.com/2018/07/dietland-recap-season-1-episode-6-belly-of-the-beast.html> . Acesso em: 30 jun. 2019.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza : Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. 1. ed. [S.l.: s.n.], 1990.